

Passes e impasses na transmissão¹

Miriam A. Nogueira Lima ².

Resumo

Este texto apresenta alguns comentários para estimular o debate sobre o tema institucional “Fracassos na transmissão” da parte interna destas Jornadas.

Tais comentários abordam a especificidade da função analítica, a formação de analistas, as relações entre analistas e instituições, o ensino da psicanálise e sua transmissão.

Palavras-chave: função analítica, formação de analistas, ensino e transmissão da psicanálise, relações entre analistas e instituições.

Abstracts

This paper tries to make some comments to encourage debate around the institutional theme of these Journeys: “Failures on transmission”. These comments focus particularly on the specific function of the analyst, the training of analysts, the link between analysts and institutions, the teaching of psychoanalysis and its transmission.

Keywords: analytical function, training of analysts, psychoanalysis transmission, link between analysts and institutions.

“Como se pode ser psicanalista?” A questão levantada em *Situação da Psicanálise e formação do analista em 1956*, formulada por Lacan (1998) nessa pergunta crucial, tem permanecido aberta a renovadas tentativas de resposta.

Isso se deve a especificidade da *função analítica*. Esta não se garante em

¹Trabalho apresentado na parte interna – “Fracassos na Transmissão” - da III^a JORNADA BRASILEIRA DE CONVERGÊNCIA. Evento da CER-Brasil, realizada no marco de *Convergência – Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana*. Título das Jornadas “O Que Quer Uma Análise”. Salvador, Bahia, de 2 a 4 de maio de 2002. Está publicado em *Sobre a formação do psicanalista – Interrogações atuais em Convergência*. Florianópolis: Pandion, 2012.

²Psicanalista. Membro da Intersecção Psicanalítica do Brasil, no Rio de Janeiro.

títulos nem nomeações – longe de serem definitivos – e sim no *saber* que lhe é próprio: *saber do inconsciente*, da construção teórica freudiana, retomada e avançada por Lacan. Igualmente ela se garante na *responsabilidade ética* que lhe é concernida, sobretudo na responsabilidade da escuta analítica.³ Mas, a função analítica se garante também na *opção de exercê-la*, enquanto ofício, por parte de quem quer que chegue a querer e poder encarná-la. Isto, entretanto, não acontece por ventura, nem por acaso.

A pergunta *Como se pode ser psicanalista* interroga e remete a uma especial *passagem*. É quando se coloca para o sujeito a escolha de querer ou não ocupar o lugar de analista frente a outrem. Para tratar dessa escolha Lacan elaborou suas proposições sobre *autorização de analistas* e o *dispositivo do passe*. A questão, complexa e proposta por ele na *Proposição de 9 de outubro de 1967* (Lacan, 2003:248) “o analista não se autoriza a não ser por si mesmo”⁴ foi completada posteriormente – e por alguns outros, no Seminário 21 (aula de 09/04/74).

Isso porque a produção de um analista somente se manterá graças a uma *constante e renovada prática com o inconsciente*, uma vez que tornar-se analista exige o pagamento do preço da *castração simbólica*, do não acabamento formal (ou estrutural) que continuará a ser pago durante toda a nossa prática analítica. No dizer de A. Didier-Weill (1993:85), por exemplo, “o preço do espírito”.

Se o ato de autorização do analista exige que se pague o preço dessa formação inacabada, podemos ver aí a formação permanente já indicada por Freud, pois é possível ler desta forma os seus escritos técnicos, suas recomendações aos analistas praticantes (Freud, 1912/1973). E também por Lacan no dizer *passar seu tempo passando o passe* (Seminário 24, aula de 08/02/77). Vale sublinhar que o

3 Vamos encontrar no texto de Lacan “Variantes do tratamento-padrão”, *Escritos*, na página 333, a seguinte afirmação: “O analista detém toda a responsabilidade no sentido pesado que acabamos de definir a partir de sua posição de ouvinte”.

4 Podemos optar pela tradução do francês *ne s'autorize que de lui-même* sublinhando a suspensão trazida pelo *ne... que*, como sugere Jacques Laberge, resultando na forma “o analista não se autoriza a não ser por si mesmo”.

reconhecido destaque dado por ele às *formações do inconsciente*, significa que a *formação do analista* consiste, eminentemente, seja na análise e no estudo, seja na supervisão e na produção, no constante “quebrar a cabeça” nas formações do inconsciente, como costuma dizer Jacques Laberge em seus comentários por ocasião dos debates sobre esse tema.

Por tudo isso, além da análise pessoal e do aprofundamento teórico, nós analistas, em constante formação, necessitamos de lugares de avanço conceitual que preservem a especificidade do discurso analítico.

No âmbito da instituição psicanalítica, entretanto, sintomas de mal-estar aparecem nas fragmentações, segregações, lutas de prestígio, rivalidades constantes. Disputas profissionais com efeitos na própria psicanálise. A pergunta que então se coloca é a seguinte: o que se pode fazer em nossas associações de analistas, não necessariamente para acabar com o mal estar – algo inerente (vide Freud (1930/1973) em “O mal estar na cultura”–, mas para lidar com o *real das diferenças*? Como favorecer a vertente simbólica ante a exacerbação do inevitável imaginário narcísico, que representa uma das grandes resistências à psicanálise?!

Sobre as instituições psicanalíticas se diz, muitas vezes - "elas são um mal necessário". Se assim é, não podemos perder de vista o que se pode fazer para torná-las um “bem” no sentido ético, isto é, na referência à diferença e à alteridade, cientes de que o controle do saber pelo poder do saber dominante resulta no fechamento do saber *instituinte* – o saber inconsciente – em favor do já instituído, como adverte Claude Dumèzil (1992:108).

Tais disputas chegam às relações entre as diversas instituições, muitas vezes encerradas nelas mesmas, em competições e lutas de prestígio, internas e externas. Daí a importância dos enlaces interinstitucionais que possam minimizar esses efeitos de isolamento e competição.

Se Lacan buscou instituir, em sua Escola, dispositivos como os *cartéis* e o *passé* para dar conta da constituição do analista, nós lacanianos, temos buscando promover outras criações causadas pelas mesmas questões relacionadas à *transmissão da psicanálise*.⁵

5 Assim como a Reunião *Lacanoamericana*, o *Traço do Caso*, o *Custo Freudiano*, a *Fundação Européia para a Psicanálise*, a *Intersecção Psicanalítica do Brasil*, o movimento da *Convergencia*, e as instituições membros desse movimento, todos elas de vocação *transinstitucional*.

Tais iniciativas propiciam o enlace entre analistas, visando nossa permanente formação a qual se constrói a partir do fundamental tripé (agraciado de rara unanimidade) análise pessoal / estudo teórico / trabalho sobre a prática – mas, sobretudo, elas promovem um quarto fator, amarrando e testemunhando tudo isso, que é a *prestação de contas do analista aos seus pares*, o arriscar-se na escrita e na fala, a passagem do privado ao público, a produção do analista.

“O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?” Foi esta a questão posta em cena por Lacan no texto *A psicanálise e seu ensino* (1957/1998: 442-460), ao criticar a psicanálise norte-americana: a *basic personality structure*, as teorias de identificação do analisante com o *eu* do analista e, principalmente, os preconceitos reinantes. Ele veio propor outras perspectivas para a transmissão da psicanálise. Mas, essa pergunta ainda continua em pauta, provocando o tema do ensino e da transmissão.

Passados todos esses anos, a experiência dos diferentes modos de funcionamento torna possível reconhecer com mais clareza que o *ensino* se faz em várias instâncias, porém a *transmissão* da psicanálise tem seu lugar privilegiado no tratamento psicanalítico propriamente dito, onde o que principalmente se transmite como podemos dizer com a devida licença poética “são coisas que vêm do céu”.

BIBLIOGRAFIA.

DIDIER-WEILL, A. “? Bendecir, maldecir o semidecir a Lacan?”. In:

Lacan Hoy. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993, p. 85.

DUMÉZIL, C. *La marca del caso o el psicoanalista por su rastro*.

Buenos Aires: Nueva Visión, 1992, p.108.

FREUD, S. (1912). Consejos al medico en el tratamiento psicoanalítico.

In *Obras Completas*, 3ª ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, Vol. II.

_____ (1930). El mal estar em la cultura. In *Obras Completas*. 3ª Ed.,

Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, Vol. III

LACAN, J. (1955) Variantes do tratamento-padrão. In *Escritos*. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 1998, p. 333

_____ [1956]. Situação da psicanálise e formação do analista em 1956. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.461.

_____ [1957]. A psicanálise e seu ensino In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 442 – 460.

_____ Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*: Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p.248

_____ Seminário 21 *Les Nom Dupes Errent*, aula de 9/04/1974. Inédita.
